

Relato sobre Púrpura – Felipe Rocha – 2018

Texto escrito após participação na experiência “Púrpura”

O que a gente busca do encontro com uma obra de arte? Eu, pessoalmente, fico muito feliz quando, depois de assistir a uma peça, filme, livro, exposição, tenho a sensação de ter ampliado a minha percepção do mundo. A sensação de que saí do teatro diferente de como entrei, pensando e sentindo o mundo com novas perspectivas. Também me interessa o contato direto entre artista e espectador: A ideia - no teatro - dos espectadores não estarem ali só presenciando, meio escondidos, uma série de acontecimentos, mas antes travando um diálogo, uma conversa, com autor e atores. Me interessa o teatro onde o ator não tenta sugerir ao espectador que ele é um personagem que não ele mesmo, mas sim o teatro em que o ator partilha uma história com o espectador, como quem conta uma história pra um amigo. E nesse sentido quanto mais franco o contato entre artista e público, mais rica é a experiência.

Foi essa a sensação que eu tive ao assistir/participar da performance Púrpura. Encontrei artistas/seres humanos que, através das janelas ficcionais que o espetáculo abre, expuseram muito de sua humanidade pra mim. E a resposta mais natural foi que eu também, ao perceber uma campo de afeto muito seguro, respeitoso e aberto, me sentisse à vontade pra também me expor, abrindo assim uma troca muito especial.

Quando eu soube do projeto, me inscrevi pra assistir várias vezes a peça, podendo assistir a vários dos pontos de vista que cada performer propunha. Assisti à performance com pessoas que eu já conhecia e outras que eu não conhecia. E nos dois casos, vivi encontros de contato muito profundo e generoso. Como se a gente abrisse uma brecha no tempo e se entregasse à experiência de olhar realmente pra outra pessoa - e de permitir ser visto.

O mais bacana e curioso é que mesmo com performers que eu já conhecia, acabamos indo - através das engenhosas operações cênicas do espetáculo - pra lugares de exposição, intimidade e contato onde nunca tínhamos ido em alguma outra conversa.

Voltei pra casa olhando diferente pro que eu via, me sentindo mais conectado comigo e com o mundo.

Felipe Rocha

--

Relato sobre Púrpura – Leonardo Vila Forte – 2018

Texto escrito após participação na experiência “Púrpura”

Particpei de Púrpura faz alguns meses. Ressoa em mim até hoje. Não sei se trata-se de uma obra, à maneira tradicional como falamos "uma obra de arte". Sinto que tem mais a ver com aquele tipo de obra que fazemos na nossa casa, na nossa sala, no apartamento. Mudar coisas de lugar. Ver o que cabe e o que não cabe mais. Reavaliar o espaço. Jogar fora o que está velho. Incorporar o que passou a fazer sentido. Incorporar, sim, porque em Púrpura a casa em obras é o corpo. Um corpo físico ao qual se sugere a falta de garantias, e, admitido esse ponto, pode ser lançado às ondas imprevisíveis. No contato

com elas, esse corpo se expande da sua dimensão física individual para um contato com aquilo que habita o outro e, conseqüentemente, dobra-se numa espécie de herança compartilhada. O que há em mim? O que há no outro? O que nos torna comuns e diferentes? Púrpura é uma obra que se instala permanentemente dentro de nós.

Leonardo Villa Fortes

--

Relato sobre Púrpura – Ana Kfourri – 2018

Texto escrito após participação na experiência “Púrpura”

Púrpura...

Em tempos tão sombrios... é bonito ver mulheres artistas, fazendo o convite a uma travessia a dois, uma atriz, umx espectador, sec. XXI, para “conversar” em lugares da cidade do Rio de Janeiro, ou melhor, em entre-lugares, ou mesmo em não lugares, como diz Marc Augé (lugares de passagem, como as rodoviárias, aeroportos, estações várias, shoppings, parques etc). Esses lugares de passagens ou os não-lugares podem ser vistos, então, como “lugares desmemoriados”. O que não é o caso de Púrpura. É aí que está a força e a beleza da performance Púrpura. Pois estas mulheres fazem destes lugares, lugares de afetos, repletos de memórias, invenções, de melancolia, também, de buracos... que vão se tecendo na simplicidade da conversa, na estranheza às vezes de se estar perto de alguém desconhecido falando ou abrindo espaço para falar de coisas mais íntimas ou remotas... e assim a conversa vai se mesclando, se desenrolando, se reinventando, e é bonito ver o desejo da fala, o desejo da escuta, e de repente não se sabe mais quem está (re)inventando histórias e/ou lembranças, se a atriz ou o espectador, ou quando somente se consegue estar ali, simplesmente, com o outro. Gostei de Púrpura porque surpreende, é simples e complexo ao mesmo tempo. Traz a angústia destes tempos, destas jovens. É triste. É belo. É de verdade.

Ana Kfourri

--

Relato sobre Púrpura – Carolina Ivancevic – 2018

Texto escrito após participação na experiência “Púrpura”

Hoje tive um encontro inesperado e nesse encontro entendi, de dentro pra fora, que a nossa história, nossas dores e despedidas são invariavelmente bonitas e precisam, em primeiro lugar, serem acolhidas por nós mesmos, abraçadas, acarinhadas. Nossas cicatrizes nos transformam em horizontes. Ontem, no meio da conversa com ela- que também perdeu sei pai de um dia para o outro- por um segundo lembrei que no dia 5 de fevereiro começava o último mês que meu pai esteve vivo, já que morreu dia 05 do mês seguinte. Caramba, ele tava vivo, e nem sonhava que pudesse morrer em menos de 30 dias, já q fevereiro nem trinta dias tem. Ele não tinha doença, nem cabelo branco e tampouco coração amargo ou rancoroso. Mas hoje, voltando ao encontro, entendi sem racionalizar, como eu posso abraçar minhas perdas e falar pra elas - tá tudo bem, olha pra sua história sem julgamento de que ela poderia ser outra, olha fundo, olha como ela é bonita, olha como é bom ser integralmente quem a gente é, nossas cicatrizes nos transformam em horizontes,

imensos. Há 4 anos, desde que me despedi do meu pai no alto de um cemitério colina fiquei achando um privilégio poder morrer num lugar bonito, cheio de ar, com espaço para se fundir com a natureza . Assim, estranhamente comecei a nutrir certo carinho quando encontro cidades com cemitérios pequenos, simples, que nem precisa ter lápide, como se eles fossem jardins onde histórias e dores fecundam o solo e germinam. Hoje, entendi que dor serve pra germinar com potência. Lembrei que Púrpura, na etimologia da palavra pode ser um sinal e sintoma semiológico causado por diferentes doenças, mas depois da experiência criada e dirigida por Anna Costa e Silva, que imagino não por acaso leva este nome, pensei nos meus roxinhos que me acompanham e nesse púrpura que vira e mexe aparece nas nossas pernas como um sinal ou sintoma de que estamos vivas, muito vivas, estamos sentindo, sentindo muito e o melhor, que nosso corpo sabe sempre reagir.

Carolina Ivancevic